

Cavaleiros do Zodíaco: um mangá teopoético¹

Knights of the Zodiac: a theopoetic manga

João Paulo Vicente Prilla²

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo



10.11606/2316-9877.Dossie.2023.e219549

Resumo

É um recorte de uma pesquisa de doutorado que tem o mangá *Cavaleiros do Zodíaco* (1985-1990), de Masami Kurumada, como seu objeto de estudo. Originalmente intitulada *Saint Seiya*, a referida história em quadrinhos japonesa tem a mitologia grega como elemento estruturante de sua narrativa. A mitologia grega presente na obra, por seu turno, é atravessada pela conjugação de outras temáticas – religião, astronomia e astrologia. A partir dessa combinação, Kurumada formulou um conceito fundamental para a história: o cosmo, também chamado de sétimo sentido. Trata-se de uma ideia complexa e original, a qual confere uma atmosfera mística e espiritual ao mangá. Dito isso, o objetivo deste artigo é expor brevemente sobre a natureza do cosmo, efetuando uma leitura teopoética da obra a partir do referido conceito. Para tanto, o quadro teórico que embasa o estudo está ancorado essencialmente na teopoética (Kuschel, 1999; Ferraz, 2011; Bingemer; Villas Boas, 2020), que propõe os estudos comparados, num primeiro momento, entre religião e literatura, não demorando a incorporar outras manifestações artísticas – dentre elas a história em quadrinhos – em seus interesses de pesquisa.

Palavras-chave: Cavaleiros do Zodíaco. Saint Seiya. Cosmo. Sétimo sentido. Teopoética.

Abstract

It is an excerpt from a doctoral research that focuses on the manga *Knights of the Zodiac* (1985-1990), created by Masami Kurumada. Originally titled *Saint Seiya*, this Japanese comic book integrates Greek mythology as a structuring element of its narrative. The Greek mythology within the work is intersected by the combination of other themes - religion, astronomy, and astrology. Based on this amalgamation, Kurumada formulated

¹ Apresentado na seção temática 10 – “Quadrinhos, Artes e Mídia”, na modalidade remota, em 22 ago. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uAyQ4ZWQPBO&t=68s>. Acesso em: 30 abr. 2024.

² Licenciado em Letras - Português, Inglês e respectivas Literaturas pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (2010) e em Espanhol pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (2022). Mestre em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (2020), com a dissertação “Arquiteturas do submundo: o mundo dos mortos do mangá Cavaleiros do Zodíaco à sombra do inferno dantesco”. Doutorando em Literatura e Crítica Literária pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, cuja pesquisa investiga os aspectos místicos, espirituais e religiosos no mangá *Cavaleiros do Zodíaco*, objeto de estudo que o acompanha desde a graduação. Email: jvpvprilla@hotmail.com. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-8157-0387>.

a fundamental concept for the story: the cosmos, also known as the seventh sense. This is a complex and original idea that imparts a mystical and spiritual atmosphere to the manga. With that in mind, the objective of this article is to briefly explore the nature of the cosmos, conducting a theo-poetic analysis of the work based on this concept. Therefore, the theoretical framework that underpins the study is primarily grounded in theo-poetics (Kuschel, 1999; Ferraz, 2011; Bingemer; Villas Boas, 2020), which proposes comparative studies, initially between religion and literature, soon incorporating other artistic expressions - including comic books - into its research interests.

Keywords: Knights of the Zodiac. Saint Seiya. Cosmo. Seventh sense. Theo-poetics.

Introdução

A religiosidade, o misticismo e a espiritualidade, bem como a utilização de uma simbologia própria do sagrado, são temas caros às diferentes manifestações artísticas. Criações artísticas as mais variadas, de diversas partes do mundo, concebidas em diferentes contextos e períodos históricos, podem exemplificar a predileção de muitos artistas pelas referidas temáticas.

A ocorrência desses temas também pode ser observada na Nona Arte, isto é, na história em quadrinhos. E em se tratando de quadrinhos japoneses – os mangás –, tal ocorrência atinge um contorno diferencial e merece destaque (Moliné, 2004), uma vez que os referidos temas são recorrentes nessas narrativas caracterizadas pela arte sequencial (Eisner, 2001).

Assim, mangás de sucesso e de significativa popularidade, muitos deles já publicados no Brasil, apropriam-se desses assuntos e de suas respectivas simbologias, revelando-os tanto por meio da linguagem verbal quanto, sobretudo, por meio da linguagem visual (Barbieri, 1998). O que é possível constatar em *Cavaleiros do Zodíaco* (Kuramada, 2012-2014), o nosso objeto de estudo.

O mangá está dividido em sagas, de acordo com a evolução da história. Até o momento, a série conta com três sagas: Santuário, Poseidon e Hades. Outras publicações resultaram da narrativa original/mangá clássico, como *Cavaleiros do Zodíaco: Episódio G*, *Saint Seiya: The Lost Canvas*, *Saint Seiya: Next Dimension*, entre outras. Contudo, levando em consideração as especificidades de cada uma, nosso estudo – fundamentalmente bibliográfico – está delimitado ao mangá clássico, uma vez que: i) satisfaz o objetivo proposto; ii) é o princípio de todas as publicações que surgiram depois; iii) e, principalmente, porque concentra aquilo que acreditamos, nesta pesquisa, ser a

sua essência – a atmosfera mística e espiritual presente ao longo de toda sua história.

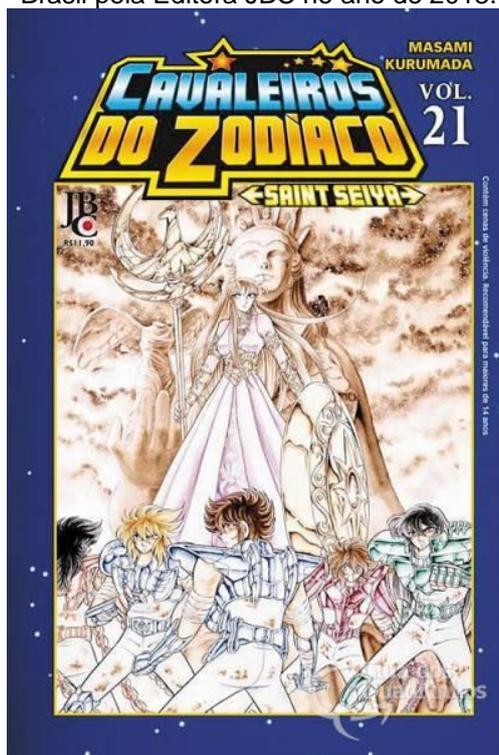
1 – Contextualizando o objeto de estudo: o mangá *Cavaleiros do Zodíaco*

Cavaleiros do Zodíaco, originalmente intitulada *Saint Seiya*, é uma série de mangá escrita e ilustrada por Masami Kurumada, que estreou no Japão em 1985 na revista semanal *Weekly Shonen Jump*, publicada pela Editora Shueisha. O primeiro capítulo foi lançado na edição 01/86, em 3 de dezembro de 1985. A revista *Weekly Shonen Jump* era uma publicação extensa, com cerca de 400 páginas, apresentando várias histórias, e os capítulos de *Cavaleiros do Zodíaco* foram publicados até 1990 (Introdução, 2023).

Essa série de mangá conquistou uma legião de admiradores no Japão, não demorando a ganhar destaque no mercado editorial japonês. Isso chamou a atenção da editora que o publicava, que logo o alçou a um novo patamar, inserindo *Saint Seiya* entre as histórias em quadrinhos japonesas de maior sucesso.

A indústria do mangá é considerada um dos segmentos mais promissores para a difusão cultural e a economia japonesa (Gravett, 2006). Nesse sentido, ela dita o caminho que as histórias em quadrinhos japonesas de sucesso trilharão, caminho este norteado por dois princípios fundamentais. Primeiramente, quando um mangá conquista sucesso no mercado editorial e popularidade entre seus leitores, ele contará com a publicação de uma compilação completa da série em volumes, chamada *tankobon*, contendo exclusivamente a história em questão. O segundo princípio diz respeito à produção de um animê, ou seja, a adaptação do mangá em uma série de desenho animado.

Figura 1 - Capa do vigésimo primeiro volume do mangá *Cavaleiros do Zodíaco*, publicado no Brasil pela Editora JBC no ano de 2013.



Fonte: Disponível em: <http://www.guiadosquadrinhos.com/edicao/cavaleiros-do-zodiaco-n-21/ca049104/106954>. Acesso em: 11 nov. 2023.

Saint Seiya seguiu esse caminho, resultando em 28 volumes *tankobon*, cada um com cerca de 200 páginas, além da produção de uma série de animê com 145 episódios. A publicação dos *tankobon* e a adaptação do mangá para o animê evidenciam que *Saint Seiya* não demorou a alcançar o status de fenômeno de comunicação de massa (Vergueiro, 1985; Luyten, 2001) no Japão, um feito que viria a se repetir em outros países, incluindo o Brasil.

O mangá *Cavaleiros do Zodíaco* está organizado em sagas, os quais seguem a progressão de sua narrativa. Valendo-se desse critério, a história se desdobra em três sagas: Santuário, Poseidon e Hades. Essas sagas compõem o núcleo que constitui aquilo que se denominou como mangá clássico da série, uma vez o universo de Cavaleiros rendeu à publicação de diversas outras histórias em quadrinhos.

Como mencionado anteriormente, o sucesso de *Saint Seiya* no Japão foi tão grande que, em virtude disso, o mangá passou a ser adaptado em desenho animado para a televisão. Assim, no mesmo ano em que o mangá foi lançado, a Toei Animation, um dos principais estúdios japoneses de animação, começou a produzir o seu animê. A série de TV clássica contou com 114 episódios

distribuídos em três sagas: Santuário (episódio 1 ao 73); Asgard (episódio 74 ao 99); e Poseidon (episódio 100 ao 114). Contudo, a produção do animê enfrentou alguns entraves decorrentes do fato de que o mangá ainda não estava finalizado. Consequentemente, a produção do animê passou a ser paralela à do mangá, e os estúdios da Toei Animation necessitavam de um volume do mangá finalizado para a sua respectiva adaptação em animê.

Para contornar esse desafio, a Toei Animation se viu obrigada a expandir a história, introduzindo novos personagens e enredos que não estavam presentes no mangá original. Além disso, estenderam algumas batalhas e criaram uma saga inexistente no mangá, conhecida como a Saga de Asgard. No entanto, naquele período, a Saga de Hades não foi adaptada para a animação. Somente a partir do ano de 2002 é que a produção do animê para a Saga de Hades foi iniciada, e ela se estendeu até 2008.

O universo de *Cavaleiros do Zodíaco* deu origem a uma variedade de produtos, incluindo:

- (i) **Mangás:** *Episódio G* (2002-2013); *Lost Canvas* (2006-2011), que também foi adaptado para anime; *Next Dimension* (2006-presente);
- (ii) **Animês:** *Saint Seiya Ômega* (2012-2014); *Alma de Ouro (Soul of Gold)* (2015);
- (iii) **Filmes:** *O Santo Guerreiro* (1987); *A Grande Batalha dos Deuses* (1988); *A Lenda dos Defensores de Atena* (1988); *Os Guerreiros do Armagedon* (1989); *Tenkai Hen – Josô – Overture (Prólogo do Céu - Abertura)* (2004); *Os Cavaleiros do Zodíaco: A Lenda do Santuário* (2014), totalmente produzido em computação gráfica; e, mais recentemente, o *live-action* intitulado *Saint Seiya: Cavaleiros do Zodíaco* (2023);
- (iv) **Série em computação gráfica:** *Knights of the Zodiac: Saint Seiya* (2020), um *remake* da série clássica, todo projetado em computação gráfica e produzido nos Estados Unidos (Introdução, 2023).

Poderíamos também mencionar os produtos licenciados que derivaram de *Cavaleiros do Zodíaco*, mas essa lista se estenderia consideravelmente, abrangendo uma ampla gama de itens. O que estamos querendo destacar é que, para além de ser uma franquia de sucesso global, a marca *Cavaleiros do*

Zodíaco continua a prosperar e a funcionar como uma obra aberta. Em outras palavras, é uma obra que evoca a ideia de abertura, de infinitas possibilidades e de constante expansão. Assim, *Cavaleiros do Zodíaco* continua a atrair novas gerações de fãs e a reconquistar aqueles que acompanharam a série décadas atrás, por meio do lançamento de novas histórias que perpetuam a expansão contínua de seu universo.

2 – Um breve panorama da história de *Cavaleiros do Zodíaco*

A história desses cavaleiros começa na época em que os deuses habitavam a Terra e disputavam por seu domínio, travando batalhas incomensuráveis. No contexto do mangá, esses deuses são indivíduos que representam uma “vontade maior” ou a “vontade divina”, os quais guiavam as outras pessoas enquanto ampliavam seu próprio poder.

Com o passar do tempo, os Céus e a Terra passaram a ser comandados por Zeus; o Mar, por Poseidon; e o Mundo dos Mortos, por Hades. Até que Zeus decide entregar a responsabilidade pela Terra à sua filha Atena. Tão logo o fez, Zeus desapareceu nos Céus. O fato de Atena ter passado a governar a Terra desencadeou sentimentos de inveja e ciúme nas outras divindades. Assim, Poseidon e Hades, cada qual à sua maneira, começaram a tramar planos no intuito de vencer Atena e conquistar os domínios terrestres.

Os ataques mais veementes partiram de Poseidon, cujas investidas contra Atena e a Terra causaram as mortes de muitos guerreiros destemidos. Não demorou muito a aparecerem jovens garotos lutando nos campos de batalha. Esses garotos treinavam seus corpos além do limite humano, superando-o, até que seus punhos fossem capazes de cortar o ar e partir a terra. Para se proteger do inimigo, eles vestiam armaduras sagradas. As pessoas começaram a admirar os feitos desses garotos que trajavam armaduras sagradas e passaram a chamá-los de “cavaleiros”.

A batalha dos deuses seguiu durante séculos. No entanto, foi encoberta pelo tempo ao ponto de que a existência dos cavaleiros passou a ser questionada pela humanidade ou, até mesmo, contada apenas como uma lenda. Contudo, a existência dos cavaleiros é factual: eles continuam a existir até os dias de hoje.

Os garotos escolhidos e candidatos a cavaleiros são treinados em sigilo, nas mais diferentes partes do mundo, sob a tutela de um mestre indicado pelo Santuário da Grécia. Quando comprovada a sua qualificação, recebem uma das armaduras e o título de cavaleiro. A cada cavaleiro é designada uma armadura que representa uma das 88 constelações, conforme o destino ditado pelas estrelas de sua constelação. Dito de outra maneira, não lhe basta adquirir a força de um cavaleiro: é necessário que a mereça.

Há algumas condições para se tornar um cavaleiro, tais como personalidade, senso de justiça, habilidade e destino. Somente aqueles que possuem a combinação ideal dessas e de outras condições – perseverança, disciplina, coragem, determinação – têm o direito de se tornar cavaleiros, sendo que a probabilidade de nascimento de um cavaleiro é quase tão remota quanto cálculos astronômicos.

A história desses cavaleiros chega até o final do século XX, com o surgimento de um homem que se propôs a criar “artificialmente” um grande exército desses cavaleiros. Seu nome é Mitsumasa Kido, dono da Fundação Graad, uma influente organização japonesa, cujos poderes eram suficientes para atuar no mundo inteiro. O senhor Kido sempre foi um apreciador das artes marciais e era famoso por patrocinar muitos torneios mundiais dessas modalidades. Até que um dia, durante uma viagem pela Grécia e por obra do destino, o velho Kido ficou sabendo da existência dos cavaleiros e das armaduras sagradas, planejando torná-los conhecidos através de um torneio de luta.

Para realizar o seu propósito, ele enviou cem pequenos garotos do orfanato mantido pela Fundação Graad para diferentes pontos geográficos do globo, na intenção de serem treinados arduamente para que, assim, pudessem se tornar cavaleiros. Dos cem garotos enviados para o treinamento, dez conseguiram o feito de se tornar cavaleiros, regressando ao Japão com suas armaduras sagradas de bronze, dentre os quais estão os cinco protagonistas do mangá: Seiya, Shiryu, Shun, Hyoga e Ikki.

No Japão, foram obrigados a participar de um torneio chamado de Guerra Galáctica, promovido pela senhorita Saori Kido, neta de Mitsumasa, que herdou a vontade do avô após sua morte. O que ninguém poderia imaginar é que esse torneio viria a ser o estopim para uma nova era de batalhas sagradas. Como dito

anteriormente, tornar-se um cavaleiro implica assumir um destino importante para si. O fato de surgirem dez cavaleiros pela Fundação Graad teve, evidentemente, um grande objetivo, oculto até então. A missão só poderia ser proteger a deusa Atena, que voltava à Terra depois de mais de 200 anos, reencarnada em Saori Kido.

Figura 2 - Os cinco cavaleiros de bronze, protagonistas da história.



Fonte: Disponível em: <https://4.bp.blogspot.com/>. Acesso em: 16 nov. 2023.

O (res)surgimento de Atena no planeta Terra era o presságio de que outras divindades também haveriam de despertar e, assim como a deusa contava com a ajuda de seus 88 cavaleiros – distribuídos em armaduras sagradas de ouro, prata ou bronze – essas divindades também teriam à sua disposição os seus respectivos exércitos de guerreiros. Em outras palavras, era o prenúncio de várias batalhas envolvendo deuses e homens e, até mesmo, de uma possível guerra santa.

3 – Explorando a relação entre o divino e a arte: a Teopoética

A teopoética é um campo de estudo que inicialmente se dedicou a explorar a intersecção entre a teologia, que compreende a investigação de Deus e questões

religiosas, e a literatura. O termo teopoética foi proposto por Karl Josef Kuschel, que identificou a presença de um diálogo entre religião e literatura, resultando, por conseguinte, em uma relação complexa e frutífera entre textos literários e tradições religiosas (Kuschel, 1999, p. 09). Em essência, a teopoética emergiu como uma abordagem que se propunha a investigar como a linguagem literária poderia ser empregada para transmitir conceitos religiosos, experiências espirituais e reflexões teológicas de maneira mais profunda e significativa, levando em consideração as particularidades de cada uma dessas esferas (Wilder, 1976).

Contudo, não demorou muito para essa abordagem superar as fronteiras convencionais que separavam a teologia e a literatura, buscando constantemente uma síntese criativa que pudesse lançar novas luzes sobre diversos aspectos da experiência humana relacionada ao divino. Consequentemente, a teopoética ampliou seu escopo para englobar outras expressões artísticas em seus interesses de investigação, estabelecendo-se como um campo interdisciplinar rico e produtivo (Ferraz, 2011).

A literatura não é a única forma de expressão artística que estabelece relações com as religiões e os diversos temas abordados pela teologia. De fato, muitos artistas nas áreas da pintura, da música, da arquitetura, do cinema e da história em quadrinhos se deixam inspirar por conceitos e simbologias religiosas, espirituais ou teológicas em suas obras, incorporando essas influências em suas respectivas produções artísticas. Similarmente à literatura, essas manifestações artísticas passaram a fazer parte do conjunto de elementos estudados pela teopoética, e são abordadas por meio de diversas perspectivas e metodologias que visam, acima de tudo, aprofundar e enriquecer a compreensão da relação entre o humano e o divino. Nesse contexto, Bingemer e Villas Boas (2020) observam que

O discurso da “teopoética” em geral [...] é um lugar de entrelaçamento cultural, onde se conectam teologia, literatura, estética, espiritualidade e todas as formas da arte. A linguagem humana, na medida em que toma consciência do que lhe foi dado, fala do que ouviu, do que recebeu e do que acolheu como dom primordial e mistério indecifrável e inefável, que é fonte de tudo o que pode ser caos, mas que pode igualmente constituir vida para muitos (Bingemer; Villas Boas, 2020, p. 10).

A teopoética pode ser definida como a área de estudos que abrange a análise comparativa entre teologia e literatura, e não se limita exclusivamente à figura de Deus. Além disso, é importante observar que a crítica literária e a reflexão teológica e literária nesse campo de estudo podem ser aplicadas a uma ampla variedade de personagens, temas e elementos narrativos presentes em diversas tradições religiosas, não se restringindo ao cristianismo. Em outras palavras, a teopoética pode ser explorada a partir de contextos religiosos como o islâmico, judaico, budista e outras doutrinas religiosas. Ademais, a teopoética frequentemente ultrapassa o âmbito estritamente religioso e pode incorporar questões provenientes de outras áreas da atividade humana e de diferentes campos do conhecimento, demonstrando assim seu caráter interdisciplinar e sua capacidade de “entrelaçamento cultural”, conforme destacado por Bingemer e Villas Boas (2020).

Esse enfoque cultural tem suas raízes no trabalho do teólogo Paul Tillich. O referido acadêmico, em particular, expandiu o campo da teologia, sendo posteriormente reconhecido como um “teólogo da cultura.” Tillich promoveu a ideia de que formas profanas de expressão cultural, como a literatura e, mais recentemente, a história em quadrinhos, podem servir como portas de entrada para o divino. Tal concepção deu origem a uma nova abordagem teológica que ele chamou de “Teologia da Cultura” (Ferraz, 2011, p. 126). Sua principal característica reside na crítica à interpretação estreita e literal da fé, que era comum entre muitos teólogos e escritores cristãos.

Dada a singularidade de nossa investigação, juntamente com a natureza de nosso objeto de estudo – um mangá, uma história em quadrinhos japonesa – compartilhamos dessa nova perspectiva teológica proposta por Tillich, bem como da noção de “entrelaçamento cultural” apresentada por Bingemer e Villas Boas (2020), os quais passam a considerar a cultura como um elemento fundamental dentro do âmbito da teopoética. Uma abordagem teopoética que, independentemente da forma artística sob análise, tem como intuito trazer à luz o enigma da existência humana.

4 – O conceito de cosmo e a atmosfera mística e espiritual de *Cavaleiros do Zodíaco*: algumas considerações a partir da tríade astrologia, astronomia e religião

A história de *Cavaleiros do Zodíaco* está toda enredada em uma atmosfera de misticismo e espiritualidade, indo além da simples presença da mitologia grega ou da reencarnação de divindades em seres humanos. Essa atmosfera é principalmente resultado de três elementos fundamentais presentes na série: astrologia, astronomia e religião, com destaque para o budismo. Ao combinar esses três elementos, Masami Kurumada acabou cunhando um conceito teopoético para sua história, o qual permeia toda a narrativa do referido mangá: o cosmo.

Dentro do contexto da obra, o cosmo é, essencialmente, a força vital presente em todos os seres vivos, não se limitando apenas a cavaleiros, amazonas, deuses ou deusas. A cosmo-energia, ou poder cósmico, emana da queima do cosmo, manifestando-se como a aura, a parte visível dessa energia, comumente empregada por guerreiros (cavaleiros, espectros etc.) durante o combate. Esta energia representa a principal fonte de poder utilizada por um cavaleiro em batalha, mas seu significado transcende a mera ideia de poder de destruição. O cosmo que Kurumada empreende em sua obra é um conceito filosófico que, inspirado tanto por filosofias orientais quanto ocidentais, faz referência à origem da vida e da matéria no universo. Dessa forma, ele está intrinsecamente ligado às leis da física e da astronomia.

A partir da queima do cosmo surge a cosmo-energia, um poder que está vinculado aos átomos de qualquer substância e aos seus respectivos movimentos. Ao ser humano que o consegue acessar é possibilitada a capacidade de desintegrar átomos, controlar sua velocidade e até mesmo transmutar materiais. Segundo a trama de *Cavaleiros do Zodíaco*, o cosmo pode ser despertado por qualquer ser humano, mas é raro que um adulto o alcance, visto que frequentemente está enraizado no senso comum mundano, o que prejudica a apreciação e a compreensão de eventos miraculosos. O cosmo é considerado o sétimo sentido, o qual transcende os seis tradicionais – visão, audição, tato, olfato, paladar e intuição –, esta última sendo reconhecida, no mangá, como o sexto sentido humano.

A fonte do poder cósmico reside em um pequeno universo que habita o interior dos seres vivos, embora somente alguns sejam capazes de perceber essa existência. Quando o cosmo de um indivíduo é intensificado, esse universo interno se expande, resultando em um fenômeno chamado aura. A aura é a representação visual da queima do cosmo, assemelhando-se ao combustível de uma estrela, marcando o estágio intermediário de sua ampliação. Durante esse processo de combustão, o universo interior do indivíduo se inflama, e a aura se expande à medida que a temperatura aumenta. Se o cosmo atingir um nível suficientemente elevado, ocorre uma explosão. Essa explosão desencadeia um pequeno Big Bang no interior do indivíduo, levando à expansão máxima de sua aura e proporcionando acesso à essência do cosmo, o sétimo sentido.

Ao despertar o cosmo, um ser humano adquire diversas habilidades, como telepatia e telecinesia. O aumento dessa energia capacita o indivíduo a alcançar velocidades subsônicas, enquanto sua queima possibilita atingir velocidades ultrassônicas. O cosmo confere à pessoa o poder de desencadear explosões ao seu redor ou liberar rajadas de energia. Contudo, apenas as constelações facultam a utilização e o aprimoramento de técnicas especiais, que podem ser mais metafísicas do que físicas, ou simplesmente físicas, porém dotadas de maior velocidade, precisão e força.

Desde a infância, os cavaleiros de Athena dedicam-se ao treinamento para despertar e aprender a queimar seu cosmo latente. A força de um guerreiro torna-se irrelevante sem o uso dessa energia, pois mesmo os cavaleiros de bronze conseguem, embora de maneira superficial, queimar o seu cosmo.

Na hierarquia dos cavaleiros de Athena, os cavaleiros de ouro ostentam o cosmo mais elevado; os de prata o manifestam de maneira intermediária; enquanto os de bronze recentemente despertaram essa energia e estão em processo de aprendizado para manipulá-la. Apesar da disparidade no poder conferido pelas armaduras de diferentes níveis, os cavaleiros se nivelam quando queimam seu cosmo, sendo que aquele que se aproxima mais da explosão emerge vitorioso na batalha. Se dois guerreiros conseguirem explodir seus cosmos durante um confronto, suas forças se igualarão, dando início a uma guerra de mil dias. As emoções individuais exercem considerável influência na elevação do cosmo, e guerreiros vinculados a outras divindades, como Poseidon e Hades, também empregam os princípios da queima dessa energia interior.

No mangá em questão, o cosmo está intrinsecamente ligado às constelações, as quais, no âmbito dessa energia, remetem mais à astrologia do que à astronomia. Conforme delineado no mangá, o destino de um cavaleiro ou amazona – e dos seres humanos em geral – é ditado pelas estrelas de sua constelação protetora. No entanto, essas constelações protetoras não se limitam aos signos do zodíaco tradicionalmente associados à astrologia. Por exemplo, os protagonistas da série – Seiya, Shiryu, Shun, Hyoga e Ikki – encontram-se sob a proteção não apenas das estrelas de seus signos zodiacais, mas principalmente das constelações representadas em suas armaduras: Pégaso, Dragão, Andrômeda, Cisne e Fênix, respectivamente. Dessa forma, a atmosfera mística e espiritual não é restrita às constelações zodiacais, uma vez que todas são envoltas por essas características (figura 3).

Figura 3 - A astrologia como elemento fundamental do mangá

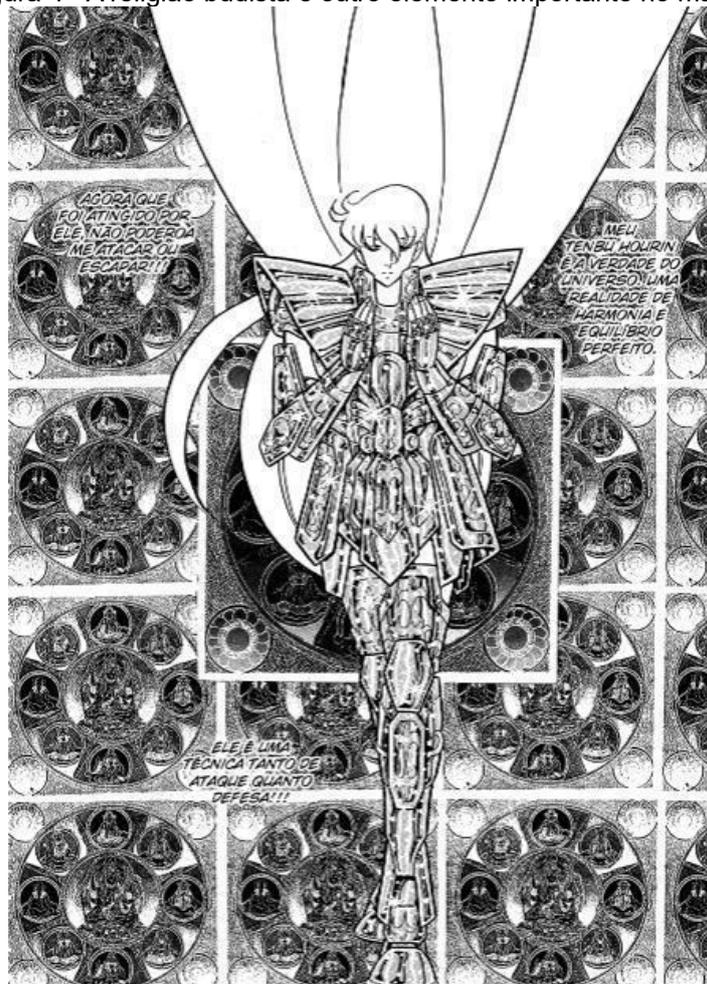


Fonte: KURUMADA, 2012.

É importante ressaltar que muitos cavaleiros vivenciam experiências que remetem aos mitos representados por suas armaduras. Entre os diversos exemplos do mangá, destaca-se o caso de Shun, cavaleiro da constelação de Andrômeda. Seu treinamento teve como cenário a Ilha de Andrômeda e a prova final faz alusão ao mito incorporado em sua armadura: para conquistar o direito de vesti-la, Shun foi acorrentado a um rochedo à beira do mar e precisava libertar-se antes que a maré subisse. O sucesso em sua prova, que lhe conferiu o status de cavaleiro e o direito de usar a armadura sagrada de bronze da constelação de Andrômeda, foi possível graças ao despertar da essência de seu sétimo sentido, isto é, o seu cosmo.

Para além da astrologia e da astronomia, a religião manifesta-se como outra unidade essencial no enredo do mangá, conectando-se ao cosmo de diversos personagens. Assim, semelhantemente à astrologia/astronomia, a recorrência da religião ao longo dos quadrinhos de *Cavaleiros do Zodíaco* também confere um significativo teor de misticismo e espiritualidade à sua narrativa. Muitos personagens expressam vínculos com o sagrado e a simbologia da religião budista, especialmente quando demonstram o poder de seus cosmos. Embora o mangá contenha referências a outras religiões, como o hinduísmo e, em menor medida, o cristianismo, é por meio da religião budista que Kurumada estabelece de maneira mais contundente a interdependência entre cosmo e religião (figura 4).

Figura 4 - A religião budista é outro elemento importante no mangá



Fonte: Kurumada, 2012. Acervo do autor.

Em síntese, o cosmo concebido por Kurumada não é simplesmente manifestado pelos personagens por meio da astrologia, astronomia e religião de maneira isolada. Pelo contrário, sua representação ocorre por meio da combinação intrincada desses três elementos, estabelecendo, assim, uma relação de mutualidade que atravessa toda a história de *Cavaleiros do Zodíaco* e nos possibilita lhe atribuir o estatuto de mangá teopoético. E é na interconexão dos três elementos citados anteriormente, expressos tanto no plano verbal e, sobretudo, no plano visual, por meio das imagens e dos diversos símbolos representados ao longo dos quadrinhos, que o cosmo atinge o seu ápice.

Considerações finais

Sob a ótica das ciências da natureza e das leis da física, o cosmo poderia ser compreendido como um fundamento científico. Ao relacioná-lo com pensamentos advindos de filosofias orientais e ocidentais, Kurumada ultrapassa a noção científica de cosmo, cunhando um novo conceito, complexo e original, místico e espiritual – portanto, teopoético –, que viria a se tornar um dos principais elementos da narrativa de seu mangá.

O objetivo do trabalho foi efetuar uma breve leitura teopoética da referida história em quadrinhos japonesa a partir de algumas ideias relacionadas ao conceito de cosmo, o qual teve como base o referencial teórico da teopoética. Mesmo com exemplos visuais limitados, foi possível constatar que a atmosfera mística e espiritual presente ao longo dos quadrinhos de Cavaleiros, que tem a mitologia grega como principal mote, decorre desse conceito, cujo resultado advém da soma entre astrologia, astronomia e religião budista.

No que se refere à teopoética, percebe-se que esse campo de estudo é adequado para o aprofundamento não só desta, mas também de outras investigações que tenham o mangá ou o conceito cunhado por Kurumada como objeto de análise. Trabalho que pretendemos empreender minuciosamente em outros estudos e publicações, visto que muito mais pode ser dito sobre o cosmo, associando-o à astrologia, à astronomia e à religião budista, seja de maneira individual, seja de maneira conjunta ou, ainda, sob o viés de outras associações e possibilidades.

Referências

BARBIERI, Daniele. *Los lenguajes del cómic*. Barcelona: Paidós, 1998.

BINGEMER, Maria Clara; VILLAS BOAS, Alex (Org.). *Teopoética: mística e poesia*. Rio de Janeiro: Paulinas, 2020.

EISNER, Will. *Quadrinhos e arte sequencial*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FERRAZ, Salma (Org.). *Pólen do Divino: textos de Teologia e Literatura*. Blumenau: EDIFURB, 2011.

GRAVETT, Paul. *Mangá: como o Japão reinventou os quadrinhos*. São Paulo: Conrad, 2006.

INTRODUÇÃO aos CDZ - História. *CavZodiaco* [site]. Publicado em 2023. Disponível em: <https://www.cavzodiaco.com.br/informacoes/introducao-aos-cdz/historia>. Acesso em: 13 ago. 2023.

KURUMADA, Masami. *Cavaleiros do Zodíaco: Saint Seiya*. São Paulo: JBC, 2012-2014. 28v.

KUSCHEL, Karl-Josef. *Os escritores e as escrituras*. São Paulo: Loyola, 1999.

LUYTEN, Sonia M. B. *Mangá: o poder dos quadrinhos japoneses*. São Paulo: Hedra, 2001.

MOLINÉ, Alfons. *O grande livro dos mangás*. São Paulo: Editora JBC, 2004.

VERGUEIRO, Waldomiro. *Histórias em quadrinhos: seu papel na indústria de comunicação de massa*. São Paulo, 1985. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) –, Universidade de São Paulo.

WILDER, Amos N. *Theopoetic: theology and the religious imagination*. Philadelphia: Fortress Press, 1976.

Recebido em: 10.11.2024.

Aprovado em: 06.04.2024.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional